

A PRIMEIRA INFÂNCIA COMO FÁBRICA DE SUBJETIVIDADES: UM OLHAR DA PSICOLOGIA À LUZ DA AFETIVIDADE

ET 24 - Infâncias, Educação e a Vida como Obra de Arte: Conexões, Descontinuidades e Subjetividades Libertárias no Contexto Pandêmico

Camila Barreto Cavalcante
Dinamara Garcia Feldens

RESUMO

Este resumo expandido é um ensaio teórico, extraído do projeto de pesquisa aprovado para o mestrado em educação, na linha de pesquisa em educação diversidade e cultura. Com o objetivo de buscar referências teóricas sobre a primeira infância e as práticas libertadoras de ensino que se aproximam de uma linguagem que dá acesso às pluralidades das subjetividades. Além de conscientizar sobre a importância do olhar para o corpo, que cresce e se desenvolve, disciplinado numa cultura que o atravessa e invade por meio das relações dominantes do poder. Desse modo, direcionar a pesquisa para um contexto que é possível enxergar a criança no seu fazer e em seus processos de aquisição de repertório, a escola.

Palavras-chave: Primeira Infância, Subjetividade, Afetividade, Psicologia, Educação.

INTRODUÇÃO

Cresci brincando no chão, entre formigas, meu quintal é maior do que o mundo. Por dentro de nossa casa passava um rio inventado. Tudo que não invento é falso. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o Sol. O menino e o rio, era o menino e as árvores (BARROS, 2010).

Respeitar a infância compreendendo as suas nuances é cada vez mais desafiador. A cada novo ciclo de gerações, surgem demandas que requer um olhar desinstitucionalizante. O processo da subjetividade daquele que nasce e já é carregado de ideias e crenças que corroboram para o adoecimento do corpo e da mente. O autor afirma que somos todos infantes. Mas quantas crianças têm o direito de existir roubado e calado?

Famílias, escolas, sociedade, como essas instituições têm se relacionado com as necessidades do sujeito em construção? Da linha de atuação ao caminho do processo em si, o poeta ressalta a respeito do imaginário e da fantasia. Sujeitos criativos são sujeitos do autoconhecimento, de uma educação libertária. Ir ao encontro da criança, é olhar para si mesmo, acreditar e deixá-las serem os portais. São fábricas de subjetividades e à luz da afetividade podemos nos conectar ao mundo que elas podem e são capazes de governar.

Além das falhas que deram origem à possibilidade do trabalho, há a motivação pessoal da autora, como entusiasta da utilização de práticas pedagógicas transformadoras que vão além do cunho conteudista. Diante desse cenário, questiona-se: De que forma a escola pode direcionar o desenvolvimento das crianças na primeira infância, levando em consideração as subjetividades de cada ser?

Com o objetivo de estudar a primeira infância, as subjetividades produzidas diante da contemporaneidade. Uma sociedade resultante de pandemias e de necessidades não atendidas, de uma cultura e práxis educacional que engessa e adoce o corpo e a mente. Desse modo, anseia-se direcionar a pesquisa para um contexto que é possível enxergar a criança no seu fazer e em seus processos de aquisição de repertório, a escola.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e explicativa pois, buscará elucidar conceitos alusivos às subjetividades na Primeira Infância e explicar as suas relações em diferentes cenários. Além disso, é um trabalho de abordagem quali-quantitativa, pois analisa o ambiente como fonte de coleta de dados e também utiliza ferramentas estatísticas para o tratamento dos dados, buscando entender as relações entre as variáveis. Para o delineamento deste projeto serão realizadas pesquisas em materiais escritos como fontes de dados (livros, artigos e sites), estudo de campo com o objetivo de observar como os fatos ocorrem no ambiente natural e levantamento de dados sociais, econômicos e demográficos.

A população escolhida para o presente projeto de pesquisa compreende bebês e crianças residentes em Aracaju, que estão inseridas na Primeira Infância, período que compreende a gestação ao 6º ano vida. A amostragem probabilística estratificada será utilizada para selecionar de forma de fidedigna e realística os subconjuntos e estratos.

Será utilizado um checklist para a coleta de dados por meio da observação direta e um questionário a ser aplicado com os responsáveis pelas crianças no contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é construído com os principais conceitos que fundamentam o objeto de estudo: primeira infância, subjetividade na infância, psicologia e afetividade. Primeira Infância, sobre ela, o que é essa primeira infância? O período de vida que vai da gestação até os seis anos de idade. Esse conceito está registrado no Marco Legal da Primeira Infância, lei de 2016 que garante os direitos relacionados a essa etapa da vida. Uma fase que pode ser subdividida em duas partes: a primeira primeiríssima infância, que vai da gestação aos três anos de idade, e o período que se estende entre os 4 e 6 anos (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2018).

Na infância existe possibilidades, do encontro e do existir, ela é potência e precisa ser vista como tal, a quebra da ideia apenas do cronológico e marcos de desenvolvimento. Ela vai além disso, destaco aqui Friedrich Froebel, quando abriu seu primeiro jardim de infância no mundo na Alemanha, em 1837, de acordo com (Resnick, 2020), uma abordagem de ensino radicalmente diferente daquela adotada pelas escolas que surgiram antes. O mesmo, não imaginava que suas ideias seriam tão significativas para o século XXI, não só destinado às crianças de cinco anos como também, para alunos de todas as idades.

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem sempre cem, modos de escutar as maravilhas de amar. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo (MALAGUZZI APUD GIRAGIROU, 2021).

Trazendo a ideia de que criança não é incompletude, mas que ela tem um modo particular de ser, tanto no olhar da Gestalt, como do poeta Manoel de Barros já citados por aqui e desenho a minha percepção nos trechos do trabalho de Loris Malaguzzi na Comunidade de Regio Emilia. O meio social no qual o indivíduo é participante exerce grande influência sobre sua construção humana.

Desse modo, trago também a visão da Gestalt-terapia, para ela o desenvolvimento é um processo perpassado pelo estado de plenitude, no qual a experiência vivida integra sensibilidade, sentimentos e percepção. O infante vivencia um contínuo desenvolvimento, gerido pela autorregulação orgânica, a sua satisfação diante das necessidades é o que conduz a ajustamentos criativos satisfatórios, ou não (CYSNEI, FROTA, 2017).

As subjetividades da infância buscam rotas alternativas para fugir dos movimentos cotidianos. Contudo, é possível afirmar que elas têm qualidade disruptiva, dentro de uma sociedade mecanizada, disciplinadora. A criança convida por meio da sua subjetividade à renovação, os modos que são próprios do seu devir, ela transforma a forma de ser e de estar no mundo e quando é podada e modelada de um modo hierárquico e sem afetividade, encontra-se os diversos tipos de violência (CYSNEI, FROTA, 2017).

O indivíduo e a sociedade existem reciprocamente. A democracia permite a relação rica e complexa sujeito-sociedade, em que ambos podem ajudar-se, desenvolver-se, regular-se e controlar-se mutuamente (MORIN, 2001 APUD CARBONELL, 2016). Entretanto, estar distante do contato com o que temos de mais próprio que é o contato conosco, com o outro e com o mundo, na dinâmica da autorregulação, que preza pela homeostase do organismo, nos conduz a ajustamentos criativos pouco satisfatórios. Isto, também, pode implicar na interrupção do fluxo de awareness – consciência do aqui e agora -, mantendo-nos alheios ao que nos passa, enfraquecendo nossa percepção, cristalizando e enrijecendo nossos comportamentos. Em contrapartida, quando há fluidez na autorregulação orgânica, alicerçada por um contato satisfatório, presente e inteiro, o organismo relaciona-se criativamente com o meio e cria ajustamentos criativos saudáveis. cremos também que esta última seja a maneira mediante a qual as crianças pequenas se relacionam com o mundo, numa relação de contato pleno, ao contrário do adulto que foi sufocando o seu modo de ser mais próprio (CYSNEI, FROTA, 2017).

Dos Círculos de Estudo de Bakting (1977, apud Ré, Hilário e Vieira, 2012), subjetividade vem do ato singular, cada manifestação de linguagem cada manifestação, de diálogo, de discurso. O locutor se revela por meio do que enuncia, sua manifestação, que toma posição frente a outros discursos. Destacando que seu discurso não diz tudo que ele é, não revela sua totalidade, nem poderia, visto que o enunciado está inserido em um espaço e 6 um tempo determinado, como resposta a outra interação. Na percepção de

Bakting (1977) a subjetividade se forma pelo social, nas relações com o outro (DEL RÉ, HILÁRIO, VIEIRA, 2012).

Assim, podemos adentrar numa esfera da psicologia e da afetividade, as formas de comunicação social são negativas, punitivas (SANTOS, 2020). Desse modo, a criança modelada por adultos e um social de processo alienante, é bloqueada em seu potencial criativo e subjetivo, sendo distanciada dos sentimentos e necessidades (RIBEIRO, 2015). Assim, adentraremos na perspectiva psicológica à luz da afetividade.

"O que obedece nunca se equivoca" - fala ouvida pela autora desse artigo quando criança. A obediência pressupõe uma relação de hierarquia e a cooperação vem do princípio que somos igualmente dignos (SANTOS, 2020). A relação de dominante e dominado, nos aproxima de adultos atravessados por um processo criativo insatisfatório, terreno fértil para o adoecimento, distanciando-nos de nós mesmos.

Na experiência da ternura estão presentes os diversos sentimentos que a rodeiam: doçura, aproximação e proximidade, medo de perder o que se quer. Porém, ao mesmo tempo em que nos faz sentir o maior e o mais bonito indivíduo, a dimensão emocional também é tão quebradiça, que lhe outorga à ternura a condição de vulnerabilidade (JOVER, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa apresentado está em fase inicial de aplicação, considera-se de suma importância, estudar a primeira infância, olhar para autores citados acima, como também, para uma fundamentação ampliada que defenda esse corpo infante e toda a liberdade para existir e ser. As crianças assumem naturalmente a existência do mistério, porque é o que mantem vivo o desejo de aprender, de conhecer. O que é mistério? Não é aquilo que não se entende. É o que nunca acabamos de conhecer. É o inesgotável, por isso, elas ficam fascinadas diante do misterioso (L'ECUYER, 2013).

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2010.
- CARBONELL, J. **Pedagogias do século XXI**: bases para a inovação educativa. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Penso, 2016.

CYSNEI, J. B.; FROTA, A. M. M. C. **Tecendo fios da infância com a filosofia da educação, a gestalt-terapia e a poesia de Manoel de Barros.** Rev. NUFEN, Belém , v. 9, n. 3, p. 38-56, 2017 . Disponível em . Acesso em 08 de maio de 2022.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J. **Subjetividade, individualidade e singularidade na criança:** um sujeito que se constitui socialmente. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 7, p. 57-74, 2012.

JOVER, D. **Educar, trabajar, emprender.** Barcelona: Icaria, 2012.

L'ECUYER, C. **Educar em el assombro.** Barcelona: Plataforma, 2013.

L, MALAGUZZI. **A Criança é feita de Cem.** Disponível em: <https://giragirou.com.br/a-crianca-e-feita-de-cem/> . Acesso em 08 de maio de 2022.

RIBEIRO, W. **O que fizemos (continuamos a fazer) das crianças que um dia fomos?** Brasília: Thesaurus, 2015.

SANTOS, E. **Educação não violenta:** Como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças. Editora Paz e Terra, 2019.

Todos pela educação. Disponível em:
<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/perguntas-respostas-o-que-voce-precisa-saber-sobre-primeira-infancia/>. Acesso em 08 de maio de 2022.